

OBSERVATÓRIO DE ÁFRICA, AMÉRICA LATINA E CARAÍBAS OUTRAS LITERATURAS: FICÇÃO CIENTÍFICA

16 MAIO SÁBADO, 15:00 - 18:00 / AUDITÓRIO 3 - ENTRADA LIVRE



FÁTIMA VIEIRA (Portugal)
Moderadora

RAPARIGAS CINTILANTES E GENTE ANIMALADA.
VAMPIROS FRUTO DE ENGENHARIA GENÉTICA.
UM CONTRA-ATAQUE AOS MARCIANOS, COM
JULIO VERNE E H. G. WELLS A DESVENDAR MISTÉRIOS.

Mas que 'outra literatura' é esta que associa ao progresso tecnológico o *thriller* policial, o fantástico e o terror? É a Ficção Científica (FC), reinventada por Lauren Beukes, Fábio Fernandes e João Barreiros, debatida no contexto do Programa Próximo Futuro, numa sessão em que nos propomos refletir sobre a cultura contemporânea a partir de mundos imaginados em três continentes. Desde o início que a FC faz parte da cultura popular. Referimo-nos aos seus primórdios nos Estados Unidos, com Hugo Gernsback a publicar, a partir de 1926, a revista *Amazing Stories* num papel de baixa qualidade (feito à base de "polpa", o que levou a que os livros nele impressos ficassem conhecidos como *pulp fiction*). Vendida a preços muito acessíveis, a revista desde logo granjeou um público fiel. A publicação de cartas dos leitores na revista serviu ainda de plataforma para a formação dos

primeiros clubes de fãs organizados – um aspeto fulcral para o desenvolvimento do género literário, ao longo de todo o século XX, sobretudo para a afirmação de algumas das suas particularizações como o *cyberpunk* (com o lema "alta tecnologia e baixo nível de vida"), a *space opera* (histórias de aventura passadas no espaço, de que *A Guerra das Estrelas* é o melhor exemplo) ou a *western opera* (que resulta da transposição dos temas dos Westerns para o espaço). Mesmo sem recorrer a grandes discursos teóricos, a revista em breve se tornou a referência principal para a definição do novo género literário: não só se afirmou como um lugar privilegiado para o lançamento de novos autores, como também serviu de espaço para a reedição de escritores consagrados como Poe, Verne e Wells, que assim viram a sua obra inscrita no género literário a que Gernsback chamou "*scientifiction*" ou "*science fiction*".

Para o reforço desta inscrição da FC na cultura popular em muito contribuiu o facto de muitas das fantasias que começaram na literatura se terem transformado em "obras em trânsito" ao serem adotadas por diferentes media. Foi esse sem dúvida o caso das obras de H. G. Wells (*A Guerra dos Mundos*, por exemplo, conheceu inúmeras adaptações para rádio, cinema e teatro, B.D. e videojogos), mas também de heróis como John Carter, Buck Rogers ou Flash Gordon; e se nos anos 1950 e 1960 a popularização da Ficção Científica se fez em grande parte através da Banda Desenhada, a partir dos anos 1970 o cinema tornou-se o seu maior veículo de promoção, quer através da apresentação de adaptações, quer de obras originais.

A confusão instala-se, contudo, quando o discurso académico tenta definir o que é a FC: a diversidade de perspetivas é tanta – como espelha a revista *Science Fiction Studies*, publicada desde 1973 –, que não se conseguiu chegar ainda a uma definição consensual. Os mais puristas, defensores da *Hard Sci-Fi*, advogam que toda a narrativa de FC deverá ter como base o desenvolvimento tecnológico e científico apresentado de forma *realista* e possibilista. Há ainda quem defina a FC em função da presença de um conjunto de elementos ficcionais recorrentes no género, desde a forma como se viaja (viagens espaciais, a mundos subterráneos, viagens no futuro, exploração de tempos alternativos, viagens através de buracos negros) à existência de artefactos como naves espaciais e máquinas de teletransporte, passando pela inclusão de personagens que se apresentem como evoluções possíveis da humanidade (mutantes), como

o resultado do desenvolvimento tecnológico (andróides) ou ainda do contacto com espécies de outros planetas (alienígenas). Temos por fim aqueles que insistem no papel construtivo do futuro que a FC poderá ter, já que permite a exploração, através de uma estratégia extrapolativa, de 'devires' que se apresentem como possíveis desenvolvimentos do presente, e em que devemos investir ou aprender a evitar. Mas quaisquer que sejam as abordagens propostas, é unânime o reconhecimento de que a História da FC enquanto género literário, ao longo do século XX, passa inevitavelmente pela obra de autores como Isaac Asimov e Arthur C. Clarke, Ray Bradbury e Stanislaw Lem, William S. Burroughs, William Gibson e Philip K. Dick. Os três convidados do Próximo Futuro fizeram a sua formação como escritores de FC lendo os grandes autores. A sua obra é contudo testemunho da grande vitalidade da FC e resulta, em grande parte, da hibridização que é uma das mais controversas características do género literário. Nas obras da escritora sul-africana Lauren Beukes o desenvolvimento do *thriller* policial (*As Raparigas Cintilantes*, 2013) depende de avanços tecnológicos (o assassino em série utiliza uma casa com um portal do tempo para viajar entre os anos de 1931 e 1972); e o processo de 'animalização' dos indivíduos que cometem crimes (*Zoo City*, 2010) apenas poderá ser aceite à luz das convenções do mais puro fantástico. *Interface com o Vampiro* (2000), do escritor brasileiro Fábio Fernandes, coloca o leitor face ao inusitado, temperando com muito humor relatos de vampiros que são fruto de engenharia genética, e ainda de saltos involuntários no tempo-espaço

e raptos violentos; já *Os Dias da Peste* (2009) convidam o leitor a mergulhar num cenário *cyberpunk*, um mundo fascinado pela alta tecnologia, onde esta desconcertantemente deixa de funcionar. Com o escritor português João Barreiros, particularmente em *A Verdadeira Invasão dos Marcianos* (2004), entramos no domínio da meta-ficção científica, já que o autor nos propõe a revisitação das convenções do *cyberpunk* e do *steampunk* através do relato de uma viagem a Marte protagonizada por H. G. Wells e Jules Vernes; e o humor negro, que é marca característica da escrita de Barreiros, está bem presente nos contos de *Se Acordar antes de Morrer* (2010), onde os excessos de um mundo tecnológico são violentamente denunciados.

Mas mais do que falarmos da hibridização da Ficção Científica enquanto género literário, interessar-nos-á, na conversa com os três autores, explorar a linha genética que é evidente entre a narrativa que constroem e o espaço geográfico que ocupam, o que nos levará, por um lado, a situar *Zoo City* numa versão alternativa e futurista de Joanesburgo e *Os Dias da Peste* num sombrio Rio de Janeiro e, por outro lado, a reconhecer que a ficção satírica de Barreiros se desenvolve sobre um pano-de-fundo europeu, e mais particularmente português. A discussão da natureza e da geografia da FC contemporânea, que passará também pela exibição de curtas-metragens de FC produzidas em África, na América do Sul e na Europa, procurará desvendar não só as potencialidades que o género literário tem hoje para oferecer enquanto arma de crítica social, mas também como instrumento de construção do devir – um futuro que o leitor de FC muitas vezes presente como estando 'assustadoramente próximo.'

Professora Associada com Agregação da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), onde leciona desde 1986. É Presidente da *Utopian Studies Society/Europe*, desde 2006, e *Book Review Editor* do *Utopian Studies* (EUA). É diretora da coleção "Nova Biblioteca das Utopias" (Editora Afrontamento) e dos periódicos *E-topia* e *Spaces of Utopia* (Biblioteca Digital da FLUP). É coordenadora do polo da Universidade do Porto do *Centre for English, Translation and Anglo-Portuguese Studies*. Promove atualmente projeto PAN-Utopia 2100, que convida os estudantes a imaginarem o sistema de produção, distribuição e consumo alimentar em 2100. Em 2013, a associação americana e canadiana *Society for Utopian Studies* atribuiu-lhe o "Larry E. Hough Distinguished Service Award", premiando o trabalho que tem vindo a realizar na área dos Estudos sobre a Utopia.



© Pisco del Gaiso

FÁBIO FERNANDES (Brasil)
Doutor em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP e professor dos cursos de graduação em Jogos Digitais e Tecnologia e Mídias Digitais dessa universidade. É autor de diversos livros e ganhou duas vezes o Prémio Argos de FC (Brasil). Participou do Clarion West Writers Workshop de Seattle em 2013. Em língua inglesa, publicou diversos contos em revistas. Co-editou a antologia de FC pós-colonialista *We See a Different Frontier* (The Future Fire Publishing, 2013).



© Ulrich Knoblauch

LAUREN BEUKES (África do Sul)
Os seus livros ganharam relevantes prémios internacionais nas áreas de literatura, terror, ficção científica e mistério, estando traduzidos em 26 línguas e selecionados para adaptações cinematográficas. Também é autora de textos para banda desenhada, peças de teatro, ensaios e peças jornalísticas. Vive na Cidade do Cabo, na África do Sul.



JOÃO MANUEL ROSADO
BARREIROS (Portugal)

Também conhecido pelo pseudónimo José de Barros, é escritor, editor, tradutor e crítico português de ficção científica. Licenciou-se em Filosofia na Universidade de Lisboa (1977) e é professor do ensino secundário nessa área, desde 1975. A sua experiência na educação levaram-no a escrever uma sátira semiautobiográfica intitulada "O Teste", em 2000. Alguns dos seus trabalhos foram traduzidos para inglês, espanhol, francês, italiano e sérvio. Ganhou por duas vezes o prémio brasileiro Nova. Publicou críticas a filmes e livros nos jornais Público e O Independente e nas revistas Ler e Os Meus Livros. Foi cofundador da Simetria – Associação Portuguesa de Ficção Científica e Fantástico (1995 – 1999) e da Associação Portuguesa do Fantástico nas Artes (2005). Tem 11 livros publicados.